

APRESENTAÇÃO

Neste livro reunimos diversos trabalhos – teóricos e empíricos – conduzidos por professores vinculados à Área 3 do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Intitulada Cultura e Serviço Social, a área 3 é uma das três áreas que constituem o programa. Busca-se reunir e articular os temas comuns às linhas de pesquisa que a constituem, quais sejam, *Estado, Sociedade e Direitos Humanos* e, também, *Temas Urbanos e Movimentos sociais*. Nesta área, as pesquisas coordenadas pelos professores atravessam a dimensão cultural dos processos de identidades coletivas, os movimentos sociais, rurais e urbanos, as relações com o Estado e o mercado. Do mesmo modo, abordam diferentes interfaces dos campos da cidadania, das políticas públicas e do serviço social: ações coletivas e as instituições, relações de poder, relações de gênero, intergeracionais e interétnicas nos espaços públicos e privados.

As pesquisas reunidas neste livro serviram de inspiração para a realização da VII JIPA - Jornada de Integração e Pesquisa Acadêmica, realizada entre 28 e 30 de março de 2023, que contou com mesas temáticas, conferências e apresentação de trabalhos de estudantes do PPGSS (Programa de Pós-graduação em Serviço Social) da Escola de Serviço Social da UFRJ. Estes trabalhos foram elaborados no contexto dos núcleos de pesquisa da área 3.

Cabe destacar, ainda, que os trabalhos aqui apresentados espelham a interdisciplinaridade que conforma esta área e são atravessados por experiências da relação entre ensino, pesquisa e extensão, enfatizando o importante papel social e culturalmente engajado da universidade pública no Brasil. Contempla, desta forma, o potencial político, educacional e científico da universidade pública com vistas à transformação social e à promoção da cidadania.

O trabalho de Alzira M. B. Guarany e Cibele da Silva Henriques analisa as formas de resistência coletivas produzidas por um sindicato, dentro das limitações impostas pela pandemia de COVID-19. As autoras identificaram estratégias e formas de resistência coletivas utilizadas pelo sindicato a fim de superar aquelas limitações, inclusive através de ferramentas tecnológicas como plataformas digitais, redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas.

Miriam Krenzinger destaca os diferentes aspectos da problemática da violência e grupos armados em territórios de favelas no Rio de Janeiro que são fatores de morte e estresse no cotidiano da população de comunidades da Maré. A autora argumenta que, ao longo dos anos, o terror se tornou uma ferramenta de controle social e de destruição do tecido social, difundindo o sentimento de medo naquela população.

Dando expressão às representações sociais sobre o corpo sarado e suas interrelações com ideal de beleza e a construção social de gênero veiculadas por revistas especializadas em artigos biomédicos e em revistas esportivas, Fátima Cecchetto e Patrícia Farias analisam discursos sobre musculosidade, gênero e anabolizantes nas revistas especializadas.

Lilian Angélica da Silva Souza, Paulla Lima Toledo e Priscila Fernandes da Silva discutem a relação entre racismo, violência policial e saúde enfocando as vivências de mulheres-mães de jovens negros assassinados por agentes do Estado. O racismo como fator estruturante das relações sociais no Brasil se expressa, entre outras formas, na suspeição criminal do jovem negro, que tende a ser vítima da violência letal dos agentes policiais. O trabalho demonstra que a outra face desta violência é a falta de assistência à saúde das mães

desses jovens, também submetidas aos efeitos do racismo estrutural. Conclui sublinhando a importância de políticas direcionadas ao público negro infantojuvenil e de atenção à saúde das mulheres negras da favela.

O artigo de Fátima Valéria Ferreira de Souza tem por objetivo problematizar a ideia da qualificação profissional dos beneficiários de programas de transferência de renda como “porta de saída” destes programas. A pesquisadora tem por base, não apenas uma revisão da literatura sobre qualificação profissional e trabalho, mas também sua experiência como gestora de políticas públicas de geração de trabalho, emprego e renda em nível municipal e no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). O trabalho sugere que as políticas de qualificação profissional não fazem frente às regras do sistema capitalista e estão descoladas das demandas locais.

O trabalho de Lidiane Malanquini, Monique Cruz e Kátia Sento Sé Mello, apresenta uma discussão sobre a luta pelo direito à vida e segurança pública nas Favelas da Maré e de Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro, a partir da leitura da história de construção desses territórios e da mobilização dos seus moradores na luta política.

Erimaldo Nicacio discute o impacto da pandemia de Covid 19 nas subjetividades de alunos de graduação da UFRJ indagando-se sobre o que mudou na vida dos estudantes, suas vivências durante o afastamento social orientado pelo Ministério da Saúde e a maneira como viveram o ensino remoto. Considera, na pesquisa, os próprios termos com os quais os estudantes descreviam a experiência subjetiva no contexto da pandemia, e observa que esta vivência foi diversificada e desigual, conforme os recursos materiais e simbólicos de cada estudante.

O trabalho de Ludmila Fontenele Cavalcanti e Daniel de Souza Campo, tomando como referência as estratégias de enfrentamento à violência sexual no contexto brasileiro, pretende analisar a trajetória de consolidação da extensão universitária na área da prevenção à violência sexual contra a mulher na UFRJ, apontando a contribuição do “Grupo de Pesquisa e Extensão Prevenção da Violência Sexual” e os desafios colocados à formação profissional.

Paulo Sérgio Pereira Filho e Alzira Mitz Bernardes Guarany analisam a importância do pensamento indígena para o campo do ensino e da produção de ciência. Os autores demonstram como os indígenas carregam através dos séculos um conjunto de conhecimentos e técnicas sobre a natureza e o meio ambiente. A dominação colonial impôs a exploração dos povos originários, mas também o ideal de branquitude e as referências culturais europeias como universais. Os autores concluem que a inserção dos sujeitos indígenas na academia, bem como a legitimação do conhecimento indígena promove um desafio novo: o confronto do saber ancestral com os interesses do capitalismo e do mercado.

Fátima Valéria Ferreira de Souza, Isabele Filpo da Silva, Larissa de Siqueira Saldanha, Natã Sousa Coutinho, Verônica Cristina de Barros Ferreira se propõem a compreender a relevância da extensão universitária na formação de estudantes de graduação e de pós-graduação. Consideram que os alunos aproximam os conhecimentos trabalhados em aula com a prática, tendo a oportunidade de articular seus saberes com a vivência nos territórios. Destacam, em particular, que durante a pandemia, os projetos de extensão proporcionaram um ambiente que, mesmo que de forma remota, propiciou o encontro e a troca de

experiências. As autoras concluem que a extensão universitária é fundamental para a formação acadêmica, mas também para o desenvolvimento de políticas públicas.

Este livro pretende socializar resultados de pesquisas sociais mostrando a riqueza do que tem sido produzido por diversos pesquisadores que atuam na investigação das complexas relações entre Estado e Sociedade, mas também das dimensões sociais e culturais da relação de cada sujeito com sua identidade, com o seu corpo, o que inclui a distinção entre saúde e doença. Num tempo em que as ciências humanas e sociais têm sido relegadas a segundo plano, esperamos que este livro mostre a importância das pesquisas nesta área, inclusive como subsídio para o campo das políticas públicas.

Erialdo Nicácio e Kátia Sento Sé Mello
Os organizadores